



# Curso de Bacharelado em Biblioteconomia na Modalidade a Distância

Cíntia de Azevedo Lourenço

## Processos e Produtos de Representação Descritiva da Informação

Semestre

4

# Curso de Bacharelado em Biblioteconomia na Modalidade a Distância

Cíntia de Azevedo Lourenço

## Processos e Produtos de Representação Descritiva da Informação

Semestre

**4**

Brasília, DF



UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO

Rio de Janeiro

Faculdade de Administração  
e Ciências Contábeis  
Departamento  
de Biblioteconomia

2018



Permite que outros remixem, adaptem e criem a partir do seu trabalho para fins não comerciais, desde que atribuam o devido crédito ao autor e que licenciem as novas criações sob termos idênticos.

**Presidência da República**

**Ministério da Educação**

**Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível**

**Superior (CAPES)**

**Diretoria de Educação a Distância (DED)**

**Sistema Universidade Aberta do Brasil (UAB)**

**Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ)**

**Núcleo de Educação a Distância (NEAD)**

**Faculdade de Administração e Ciências Contábeis (FACC)**

**Departamento de Biblioteconomia**

**Leitor**

Naira Christofolletti Silveira

**Comissão Técnica**

Célia Regina Simonetti Barbalho

Helen Beatriz Frota Rozados

Henriette Ferreira Gomes

Marta Lúcia Pomim Valentim

**Comissão de Gerenciamento**

Mariza Russo (*in memoriam*)

Ana Maria Ferreira de Carvalho

Maria José Veloso da Costa Santos

Nadir Ferreira Alves

Nysia Oliveira de Sá

**Equipe de apoio**

Eliana Taborda Garcia Santos

José Antonio Gameiro Salles

Maria Cristina Paiva

Miriam Ferreira Freire Dias

Rômulo Magnus de Melo

Solange de Souza Alves da Silva

**Coordenação de**

**Desenvolvimento Instrucional**

Cristine Costa Barreto

**Desenvolvimento instrucional**

Kathleen da Silva Gonçalves

**Diagramação**

André Guimarães de Souza

**Revisão de língua portuguesa**

Beatriz Fontes

**Projeto gráfico e capa**

André Guimarães de Souza

Patrícia Seabra

**Normalização**

Dox Gestão da Informação

L892p Lourenço, Cíntia de Azevedo.

Processos e produtos de representação descritiva da informação / Cíntia de Azevedo Lourenço ; [leitora] Naira Christofolletti Silveira. - Brasília, DF : CAPES : UAB ; Rio de Janeiro, RJ : Departamento de Biblioteconomia, FACC/UFRJ, 2018. 108 p. : il.

Inclui bibliografia.

ISBN 978-85-85229-40-5 (brochura)

ISBN 978-85-85229-41-2 (e-book)

1. Catalogação. I. Silveira, Naira Christofolletti. II. Título.

CDD 025.3

CDU 025.3

Caro leitor,

A licença CC-BY-NC-AS, adotada pela UAB para os materiais didáticos do Projeto BibEaD, permite que outros remixem, adaptem e criem a partir desses materiais para fins não comerciais, desde que lhes atribuam o devido crédito e que licenciem as novas criações sob termos idênticos. No interesse da excelência dos materiais didáticos que compõem o Curso Nacional de Biblioteconomia na modalidade a distância, foram empreendidos esforços de dezenas de autores de todas as regiões do Brasil, além de outros profissionais especialistas, a fim de minimizar inconsistências e possíveis incorreções. Nesse sentido, asseguramos que serão bem recebidas sugestões de ajustes, de correções e de atualizações, caso seja identificada a necessidade destes pelos usuários do material ora apresentado.



## LISTA DE FIGURAS

<b>Figura 1</b> - Tabuleta de argila com escrita cuneiforme .....	15
<b>Figura 2</b> - Fontes de informação para a catalogação de livros e folhetos .....	20
<b>Figura 3</b> - Formas como o usuário busca a informação .....	21
<b>Figura 4</b> - Descrição com ponto de acesso por autor pessoal .....	22
<b>Figura 5</b> - Descrição com ponto de acesso por título .....	22
<b>Figura 6</b> - Ficha com os pontos de acesso principal e secundários....	25
<b>Figura 7</b> - Fichas remissivas de cabeçalhos de ponto de acesso .....	27
<b>Figura 8</b> - Catálogo manual com fichas .....	35
<b>Figura 9</b> - Livro de tomo ou registro .....	37
<b>Figura 10</b> - Jogo de fichas catalográficas com analíticas e remissiva ...	38
<b>Figura 11</b> - Livro catalogado em MARC21 .....	40
<b>Figura 12</b> - Controle de autoridade em MARC Autoridade .....	41
<b>Figura 13</b> - Campos MARC 21 .....	41
<b>Figura 14</b> - Catálogo dividido: autor, título e assunto .....	43
<b>Figura 15</b> - Catálogo dicionário.....	44
<b>Figura 16</b> - Catálogo sistemático.....	45
<b>Figura 17</b> - Ficha de controle de autoridade .....	46
<b>Figura 18</b> - Controle de autoridade em MARC21 .....	46
<b>Figura 19</b> - Ficha de controle de assunto .....	47
<b>Figura 20</b> - Controle de assunto em MARC21 .....	47
<b>Figura 21</b> - Ficha para controle de número de classificação adotado .....	48
<b>Figura 22</b> - Ficha de decisões da biblioteca.....	48
<b>Figura 23</b> - Catálogo topográfico.....	48
<b>Figura 24</b> - Ficha de tomo .....	49
<b>Figura 25</b> - Bibliografia nacional espanhola e brasileira.....	65
<b>Figura 26</b> - Publicações de 1990 a 1999.....	66
<b>Figura 27</b> - <i>Abstracts</i> impressos.....	67
<b>Figura 28</b> - Índices impressos .....	68
<b>Figura 29</b> - <i>Site</i> da BVS .....	69
<b>Figura 30</b> - Interação entre os recursos de identificação.....	86

<b>Figura 31</b> - <i>Metatags</i> de HTML ( <i>Keywords</i> e <i>Description</i> ) .....	95
<b>Figura 32</b> - Padrão <i>Dublin Core</i> .....	96
<b>Figura 33</b> - Esquema RDF.....	96

## LISTA DE QUADROS

<b>Quadro 1</b> - Áreas de descrição do AACR2R e da ISBD .....	19
<b>Quadro 2</b> - Regras de ponto de acesso principal mais utilizadas .....	23
<b>Quadro 3</b> - Formas de alfabetação de fichas de acordo com a ABNT ...	49
<b>Quadro 4</b> - XML <i>versus</i> HTML .....	89
<b>Quadro 5</b> - Tipos de metadados quanto à sua função .....	91
<b>Quadro 6</b> - Atributos e características dos metadados .....	91
<b>Quadro 6</b> - Atributos e características dos metadados .....	92
<b>Quadro 7</b> - Origens dos padrões de metadados.....	95



# SUMÁRIO

	<b>APRESENTAÇÃO</b> .....	11
1	<b>UNIDADE 1: PROCESSOS E PRODUTOS DE CATALOGAÇÃO EM AMBIENTES TRADICIONAIS E ELETRÔNICOS</b> .....	13
1.1	OBJETIVO GERAL.....	13
1.2	OBJETIVOS ESPECÍFICOS.....	13
1.3	PRÉ-REQUISITOS .....	13
1.4	INTRODUÇÃO .....	15
1.5	PROCESSOS E PRODUTOS: O QUE SÃO EXATAMENTE? .....	17
1.6	PONTOS DE ACESSO E CATALOGAÇÃO ELETRÔNICA .....	27
1.7	CONCLUSÃO .....	28
1.7.1	<b>Atividade</b> .....	29
1.7.2	<b>Atividade</b> .....	30
	<b>RESUMO</b> .....	31
	<b>SUGESTÃO DE LEITURA</b> .....	31
	<b>REFERÊNCIAS</b> .....	32
	<b>INFORMAÇÕES SOBRE A PRÓXIMA UNIDADE</b> .....	32
2	<b>UNIDADE 2: CATÁLOGOS MANUAIS E ELETRÔNICOS</b> .....	33
2.1	OBJETIVO GERAL.....	33
2.2	OBJETIVOS ESPECÍFICOS.....	33
2.3	PRÉ-REQUISITOS .....	33
2.4	INTRODUÇÃO .....	35
2.5	CONSTRUÇÃO DE CATÁLOGOS DE UNIDADES DE INFORMAÇÃO.....	37
2.5.1	<b>Tipos de catálogos</b> .....	42
2.5.2	<b>Alfabetação de fichas</b> .....	49
2.6	CATALOGAÇÃO COOPERATIVA E CONVERSÃO RETROSPECTIVA.....	50
2.6.1	<b>Tipos de catálogos eletrônicos</b> .....	53
2.6.2	<b>Atividade relâmpago</b> .....	53
2.7	CONCLUSÃO .....	54
2.7.1	<b>Atividade</b> .....	54
2.7.2	<b>Atividade</b> .....	56
	<b>RESUMO</b> .....	58
	<b>SUGESTÃO DE LEITURA</b> .....	59
	<b>REFERÊNCIAS</b> .....	60
	<b>INFORMAÇÕES SOBRE A PRÓXIMA UNIDADE</b> .....	60
3	<b>UNIDADE 3: FONTES DE INFORMAÇÃO ESPECIALIZADAS E BASES DE DADOS REFERENCIAIS E TEXTUAIS</b> .....	61
3.1	OBJETIVO GERAL.....	61
3.2	OBJETIVOS ESPECÍFICOS.....	61
3.3	PRÉ-REQUISITOS .....	61

3.4	INTRODUÇÃO .....	63
3.5	FONTES DE INFORMAÇÃO SECUNDÁRIAS E AS ATUAIS BASES DE DADOS.....	65
3.5.1	Fontes de informações referenciais tradicionais .....	65
3.5.2	Fontes de informações referenciais atuais: bases de dados .....	69
3.6	BIBLIOTECAS E REPOSITÓRIOS DIGITAIS E PORTAIS DE INFORMAÇÃO... 71	
3.6.1	Bibliotecas digitais .....	72
3.6.2	Repositórios digitais .....	73
3.6.3	Portais de informação.....	74
3.7	CONCLUSÃO .....	75
3.7.1	Atividade .....	76
	<b>RESUMO</b> .....	77
	<b>SUGESTÃO DE LEITURA</b> .....	78
	<b>REFERÊNCIAS</b> .....	79
	<b>INFORMAÇÕES SOBRE A PRÓXIMA UNIDADE</b> .....	79
4	<b>UNIDADE 4: LINGUAGENS DE MARCAÇÃO E METADADOS</b> .....	81
4.1	OBJETIVO GERAL.....	81
4.2	OBJETIVOS ESPECÍFICOS.....	81
4.3	PRÉ-REQUISITOS .....	81
4.4	INTRODUÇÃO .....	83
4.5	ARQUITETURAS DE METADADOS .....	84
4.5.1	Nome, identificação única e permanência .....	85
4.6	LINGUAGENS DE MARCAÇÃO .....	87
4.7	METADADOS: DEFINIÇÃO E TIPOS .....	89
4.8	PADRÕES DE METADADOS .....	93
4.8.1	Padrões de metadados ligados às tradições biblioteconômicas.....	97
4.8.2	Padrões de metadados não ligados às tradições biblioteconômicas .....	100
4.9	CONCLUSÃO .....	102
4.9.1	Atividade .....	102
	<b>RESUMO</b> .....	103
	<b>SUGESTÃO DE LEITURA</b> .....	104
	<b>REFERÊNCIAS</b> .....	105

# APRESENTAÇÃO

Na disciplina anterior, Instrumentos de Representação Descritiva da Informação, vocês aprenderam sobre os códigos e normas internacionais utilizados para a representação descritiva da informação, no tocante aos elementos intrínsecos dos documentos, além dos formatos tradicionais e eletrônicos para a implantação destes códigos e normas em forma de catálogos ou bibliografias tanto nacionais quanto internacionais.

Conheceram a história desses instrumentos, que foram sendo desenvolvidos, modificados e atualizados desde a Antiguidade até os dias de hoje, de acordo com:

- a) o objetivo e a realidade das bibliotecas em cada momento histórico da humanidade;
- b) a explosão bibliográfica causada pela invenção da imprensa;
- c) a abertura dos grandes acervos particulares, confiscados na Revolução Francesa, a toda a população, democratizando o acesso às bibliotecas;
- d) a necessidade de aperfeiçoamento dos instrumentos de busca e recuperação da informação, para melhor atender aos usuários;
- e) a informatização desses processos.

Puderam conhecer como esses instrumentos são utilizados tanto na organização da informação manual quanto na informatizada e qual a importância da avaliação destes instrumentos de representação descritiva da informação, para que tenham modernização e aperfeiçoamento constantes.

Assim, a presente publicação pretende, antes de tudo, promover a continuidade desse aprendizado, apresentando-lhes como estes instrumentos são utilizados para a representação da informação, mostrando os processos de tratamento da informação realizados em uma unidade de informação, com base nestes mesmos instrumentos, e os produtos gerados neste processamento técnico da informação.

A ideia aqui é levar cada aluno a entender o uso desses instrumentos, sua importância e os resultados conseguidos em uma unidade de informação, quando bem utilizados para uma recuperação da informação mais eficaz e eficiente.

Aproveitem bem cada lição!



# UNIDADE 1

## PROCESSOS E PRODUTOS DE CATALOGAÇÃO EM AMBIENTES TRADICIONAIS E ELETRÔNICOS

---

### 1.1 OBJETIVO GERAL

Apresentar a evolução dos processos e produtos de catalogação de ambientes tradicionais para digitais.

### 1.2 OBJETIVOS ESPECÍFICOS

Esperamos que, ao final desta unidade, você seja capaz de:

- a) definir claramente o que são processos e produtos na atividade de representação descritiva da informação, no fazer bibliotecário;
- b) identificar de forma clara os processos de catalogação e de descrição bibliográfica executados a partir das normas internacionais.

### 1.3 PRÉ-REQUISITOS

Antes de iniciar o estudo desta unidade, reveja seu material da disciplina Instrumentos de Representação Descritiva da Informação. Você vai precisar do que aprendeu nela para entender o conteúdo da disciplina atual, pois uma complementa a outra.

---



## 1.4 INTRODUÇÃO



### Curiosidade



O intelectual grego Calímaco foi quem elaborou na Biblioteca de Alexandria algo muito próximo a um catálogo ou bibliografia.

O registro do conhecimento já era uma prática comum entre os povos da Antiguidade, dos quais os que mais se destacaram foram os egípcios e os babilônios. Estes dois povos iniciaram um esboço de tratamento da informação da época, elaborando listas de livros em papiro e tabletes de argila (Figura 1).

Figura 1 - Tabuleta de argila com escrita cuneiforme



Fonte: Flickr.<sup>3</sup>

<sup>3</sup> Autor: Ashley Van Haeften. Disponível em: <https://flic.kr/p/qZmeeH>. Acesso em: 16 maio 2020.



Durante a Idade Média, mais especificamente entre os séculos VI e XIV, as bibliotecas foram de responsabilidade das ordens religiosas, que catalogavam e copiavam os livros mais importantes para que pudessem ser distribuídos a outras bibliotecas. Assim, naquela época, os catálogos foram elaborados e aperfeiçoados. Entre os séculos XV e XVIII, com o aumento da produção literária mundial, surgem novas necessidades de técnicas mais elaboradas de tratamento da informação. Isso se deu nesse período, principalmente pela invenção da imprensa no século XV, seguida do surgimento dos primeiros periódicos científicos no século XVII. Tendo em vista esse cenário, é somente no século XIX que os estudos acerca dos catálogos se intensificam, surgindo os primeiros códigos de catalogação. Contudo, a padronização mundial ainda era um problema, pois as normas de catalogação eram específicas de cada país.

Como você já pode perceber, o aumento na quantidade de informação sempre tem sido acompanhado do surgimento de um instrumento que facilite o acesso:

- f) ao crescimento da produção impressa, seguiram-se as bibliografias especializadas (que utilizavam as primeiras normas de catalogação);
- g) ao crescimento das revistas científicas, seguiram-se as revistas de índices e resumos, organizadas com as normas *International Standard Bibliographic Description* (ISBD);
- h) ao crescimento da literatura científica em revistas e congressos, gerado pelo impulso da investigação científica derivado da corrida espacial iniciada ao final dos anos 1950, seguiram-se a indexação automática e as bases de dados *on-line*, projetadas com base no formato *Machine Readable Cataloging* (MARC) e no *Anglo American Cataloguing Rules* (AACR).

Na atualidade, o advento da internet trouxe um novo *boom* informacional com proporções gigantescas e o acesso aos recursos informacionais da rede tem se baseado em duas ferramentas de busca:

- a) os diretórios: que são listas de recursos da rede, criadas por pessoas reais que selecionam, catalogam e classificam os recursos *web* que consideram relevantes para sua área específica, baseadas em fatores como precisão, autoridade e ocorrência. Por exemplo: os primeiros *sites* de busca como *Cadê*, *Altavista* e *Yahoo* (na sua primeira versão), entre outros;
- b) as máquinas de busca: chamadas também de “aranhas” ou “robôs”, são sistemas automáticos que percorrem a rede salvando cópias das páginas visitadas e as respectivas localizações, formando um enorme catálogo de páginas *web* completamente indexados (GILL, 2002). Aqui podemos citar como exemplo o *Google*.

E é por isso que, nesse contexto em constante ebulição, é importante para o bibliotecário moderno entender e diferenciar, com clareza, os processos que envolvem a representação descritiva e quais os produtos gerados por esses processos.



## Atenção

Só para lembrar o que foi aprendido na disciplina Instrumentos de Representação Descritiva da Informação e entender melhor essa introdução:

**Código de Catalogação Anglo-Americano (AACR):** atualmente na sua 2ª edição revisada (AACR2R) em português, traz as regras e normas de catalogação, estruturadas para a elaboração e montagem de catálogos de bibliotecas.

**Descrição Bibliográfica Internacional Normalizada (ISBD):** trata-se de um padrão internacional para a descrição bibliográfica, incorporado no AACR2R e em outros códigos de catalogação. Existem várias ISBD: uma geral, já citada e outras para cada tipo de suporte informacional, como acontece também na parte I do AACR2R, ou seja, para publicações seriadas, recursos eletrônicos, arquivos de som e de vídeo, entre outros. Mas só foca as áreas de descrição, pois sua aplicação é no desenvolvimento da descrição bibliográfica utilizada, por exemplo, na compilação de bibliografias nacionais e universais.

**Formato de intercâmbio para catalogação em formato eletrônico (MARC):** permite a catalogação cooperativa entre sistemas. Não é o único formato de intercâmbio existente, mas talvez o mais utilizado.

## 1.5 PROCESSOS E PRODUTOS: O QUE SÃO EXATAMENTE?

Bem, na primeira disciplina sobre representação descritiva da informação, vocês estudaram os instrumentos utilizados para a normalização da representação descritiva no mundo. Agora, está na hora de aprender a utilizar esses instrumentos.

Inicialmente é importante entender o significado dessas duas palavras: **processo** e **produto**.

Como podemos verificar no verbete, podemos entender processo como a forma de se realizar uma atividade e produto como qualquer coisa que resulte desses processos.

Na catalogação, tanto em ambientes tradicionais quanto eletrônicos, independentemente do tipo de suporte da informação registrada, podemos identificar os seguintes processos:

- leitura técnica, que permite a identificação tanto dos elementos de descrição intrínsecos como os pontos de acesso;
- identificação do ponto de acesso principal e dos secundários;
- descrição bibliográfica.

Cunha e Calvacanti (2008, p. 293-294), em seu *Dicionário de biblioteconomia e arquivologia*:

**Processo:** [...] (2) ADM ENG INF "maneira pela qual se realiza uma operação, segundo algumas normas, métodos e técnicas" = processamento. (3) 1 ADM "conjunto de atividades inter-relacionadas que transformam insumos (entradas) em produtos (saídas)". 2 INF "sequência de atividades, definidas por meio de códigos. [...] Processo de informação. COMN "processo de comunicação que conduz a um conhecimento mais preciso".

**Produto:** ADM ENG INF "qualquer coisa oferecida a um mercado, para aquisição, uso ou consumo, a qual pode satisfazer uma necessidade ou um desejo". Resulta de atividades ou processos.

\*\*\*

Ferreira (2013, p. 1.641-1.643), no *Novo dicionário da língua portuguesa*:

**Processo:** [do latim *processu*] S. m. "[...] 3. Maneira pela qual se realiza uma operação, segundo determinadas normas; método, técnica".

**Produto:** *product* ADM ENG INF "qualquer coisa oferecida a um mercado, para aquisição, uso ou consumo, a qual pode satisfazer uma necessidade ou um desejo". Resulta das atividades ou processos.

Semestre

4

E o que podemos identificar como produtos? Dos processos citados, a representação descritiva pode gerar diversos produtos para a recuperação da informação:

- d) catálogos de bibliotecas manuais (em forma de fichas);
- e) catálogos de biblioteca eletrônicos (podem ser acessados em rede local e na internet);
- f) bibliotecas digitais;
- g) repositórios de informação digital;
- h) portais de informação;
- i) bases de dados referenciais tanto na forma de *index* como de *abstract*.

Quando o bibliotecário vai organizar qualquer objeto informacional para que possa ser recuperado de forma eficiente e efetiva pelos usuários de informação, ele faz uma ficha com dados que resumem ou sintetizam, além do conteúdo, também os elementos que o identificam intrinsecamente, ou seja, a representação da informação é um conjunto de dados intrínsecos (representação descritiva) e de dados extrínsecos (representação temática).

Esses elementos intrínsecos que fazem parte da representação descritiva são os elementos que identificam um documento, independente de sua forma física, que são extraídos no processo de “leitura técnica” do próprio documento.

Na **leitura técnica**, o bibliotecário busca informações como autoria do documento, títulos, dados da publicação, edição ou versão, dados específicos do tipo de documento (quando for o caso), números internacionais padronizados, além de outras informações complementares que identificam o documento.

Nesse processo de leitura técnica, serão extraídos os elementos necessários para a criação dos produtos de representação documental citados anteriormente.



## Atenção

Na representação final do documento, será elaborada uma ficha tanto com os dados descritivos ou intrínsecos (representação descritiva) quanto com os dados de representação do conteúdo ou extrínsecos (representação temática), como:

- a) assuntos;
- b) número de classificação.

Mas nesta disciplina apenas focaremos da parte intrínseca da representação documental.

Para isso, o código de catalogação estabelece as fontes de informação principais, contidas no documento, ou seja, que fazem parte dele e onde essas informações intrínsecas devem ser buscadas pelo bibliotecário durante a leitura técnica. Essas fontes de informação podem variar de acordo com o suporte informacional do documento analisado, por exemplo:

- a) em um livro, manuscrito ou publicação periódica, estão basicamente na página de rosto, mas podem ser identificadas também em diferentes partes da obra;
- b) em uma gravação de som ou de vídeo, devemos buscar no invólucro, isto é, na caixa ou embalagem que acondicionam a mídia;
- c) em mapas, partituras, imagens diversas, a fonte de informação é o próprio documento;
- d) materiais tridimensionais ou **realias**, as informações estão no próprio objeto tridimensional.

A regra 1.0A1 do AACR2R esclarece que, em cada capítulo da parte I do código de catalogação, será definida a fonte de informação relativa ao suporte de informação a que o capítulo se refere.

Em nossa disciplina, apresentaremos a você as regras sobre as fontes de informação para livros ou qualquer outro tipo de publicação monográfica. Existem oito fontes de informação prescritas de cada área de descrição da catalogação. Observe o quadro a seguir:

**REALIAS:** segundo o AACR2R, são objetos oriundos da natureza. Ex.: animais empalhados, lâminas de laboratório, plantas, insetos, etc..



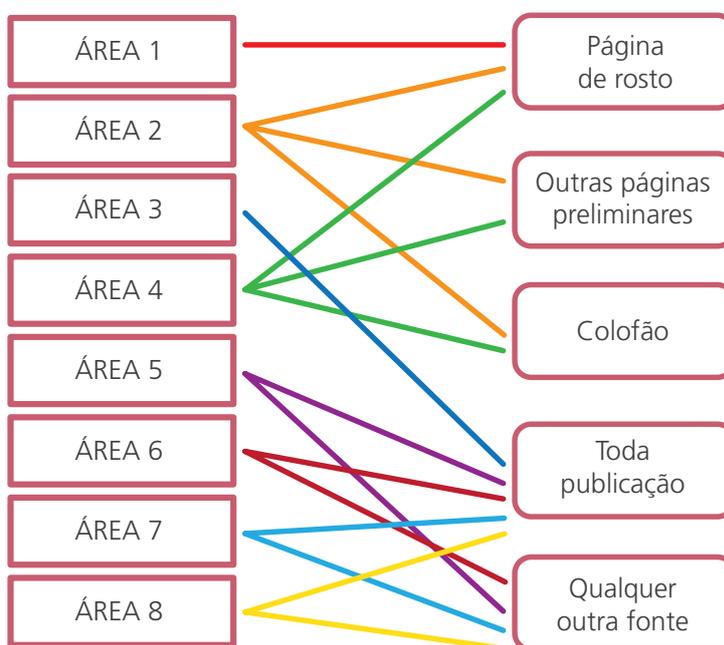
**Quadro 1 - Áreas de descrição do AACR2R e da ISBD**

Ordem	Denominação	Descrição
1ª	Área do título e indicação de responsabilidade	Título, subtítulo, designação geral de material (DGM), autores principais e secundários.
2ª	Área de edição	Edição e autores de edição.
3ª	Designação específica de materiais	Área somente utilizada para materiais cartográficos, música, recursos eletrônicos publicações seriadas e alguns tipos de microformas (regra 1.3A).
4ª	Área de publicação	Lugar, editora e data da publicação.
5ª	Área da descrição física	Extensão do documento, informações sobre ilustração, dimensão e material adicional.
6ª	Área da série	Título da coleção e/ou série da qual a obra faz parte, autoria de coleção.
7ª	Área das notas	Diversas informações, como conteúdo, bibliografia, título original, entre outras.
8ª	Área do ISBN e modalidade de aquisição	Número internacional padronizado, tipo de encadernação, tipo de aquisição e preço.

Fonte: Produção da própria autora.

Apenas para fins ilustrativos, a Figura 2 irá relacionar cada área de descrição à sua fonte de informação prescrita no documento “livro”. Assim, de acordo com o capítulo 2 do AACR2R, as fontes de informação dos dados intrínsecos de um livro ou folheto são:

**Figura 2 - Fontes de informação para a catalogação de livros e folhetos**



- 1 – Cada capítulo do AACR2R trará as fontes de informação para catalogação de acordo com o suporte físico que contém o documento.  
 2 – Colofão: nota tipográfica localizada nas páginas finais de uma obra impressa. Traz o nome da gráfica onde a obra foi impressa e pode trazer informação de lugar e data de publicação, caso estas não sejam citadas na página de rosto.

Fonte: Produção da própria autora.

Como você pode perceber, cada tipo de informação intrínseca de um documento possui um lugar específico onde ela pode ser coletada para o processo de representação descritiva. E isso vai variar de acordo com o suporte físico onde esse documento está registrado e/ou armazenado.

Além das fontes de informação, tanto o capítulo de regras gerais quanto o de cada tipo de suporte informacional específico trarão a pontuação correta a ser utilizada na representação descritiva. Essa pontuação deverá ser utilizada na confecção de catálogos tanto manuais quanto eletrônicos.

E é na leitura técnica que localizamos os dados de autoria da obra, que pode ser individual ou coletiva, podendo ser representada pelo nome de uma ou mais pessoas, de entidades coletivas (instituições e eventos) ou ser de autoria desconhecida. Nesse momento, o bibliotecário deverá determinar o “ponto de acesso principal da obra” e os pontos de acesso secundários. Para isso, irá se orientar pelas normas de escolha de ponto de acesso contidas na parte II do AACR2R.

A **identificação dos pontos de acesso** é essencial para a recuperação da informação, pois são esses dados coletados e normalizados que serão a base dos índices, tanto no catálogo manual (de fichas) quanto no catálogo informatizado *Online Public Access Catalog* (OPAC), ou seja, catálogos *on-line* de acesso público.

Mas, afinal, o que é um ponto de acesso? É uma palavra, nome ou expressão que o usuário utiliza para tentar localizar um documento específico. De acordo com Ribeiro (2003), é um nome, termo, código, etc. pelo qual pode ser procurado e identificado um registro bibliográfico.

**Figura 3 - Formas como o usuário busca a informação**



Fonte: Produção da própria autora.

Um usuário geralmente busca um documento pelo seu autor, ou pelo seu título, ou pela coleção ou série em que foi publicado, mas principalmente por assuntos, como nos mostra a Figura 3.

Em um registro bibliográfico, existem os seguintes pontos de acesso:

- a) ponto de acesso principal;
- b) pontos de acesso secundário de autoria ou responsabilidade;
- c) pontos de acesso secundário de título;
- d) pontos de acesso secundário de assunto.

O ponto de acesso principal para um item geralmente é o seu autor, que poderá ser uma pessoa ou entidade, e, na ausência de ambos, o título da obra ou um título uniforme (RIBEIRO, 2003).

O código de catalogação dará ao bibliotecário, normas e procedimentos padronizados para determinar se um documento tem uma autoria principal ou não e qual a forma correta de indicar na catalogação essa autoria.

A primeira e mais importante regra para determinar se uma pessoa ou entidade pode ser vista como o autor principal de um documento é poder atribuir a essa pessoa ou entidade a responsabilidade pela criação do conteúdo. Isso serve tanto para autoria pessoal quanto de entidades coletivas. Assim, se um documento possui mais de três autores, o ponto de acesso principal será o título, pois com muitos autores não se pode atribuir a responsabilidade pelo conteúdo da obra a apenas um deles. Exemplos (Figuras 4 e 5):

Figura 4 - Descrição com ponto de acesso por autor pessoal

B869.3  
A239S

Adonias Filho (1915 - 1990)  
Os servos da morte / Adonias Filho. -- 5. Ed. -- [Rio de Janeiro] : Civilização Brasileira, [1975].  
247 pág. ; 21cm. -- (Coleção Vera Cruz, 180)

Em convênio com o Instituto Nacional do Livro, Ministério da Educação e cultura.

1. Literatura Brasileira ; 2. Romance. I. Os Servos da Morte. II. Coleção Vera Cruz.

Fonte: Produção da própria autora.

Figura 5 - Descrição com ponto de acesso por título

001.81  
R332

Referência bibliográfica de informações e documentos eletrônicos: uma contribuição para a prática / Ligia Leindorf Bartz Kraemer ... [ et al.] – Dados eletrônicos (1 arquivo). – Curitiba : Info Matrix, 1996.  
1 disquete para computador : 3 1/2 pol .

Requisitos do sistema: Windows.  
Modo de acesso: Gerenciador de arquivos ou Explorer.

1. Referência bibliográfica. I. Kraemer, Ligia Leindorf Bartz. II. Lourenço, Luiza de Fátima Pilati Mendes. III. Resmer, Maria José. IV. Marchiori, Patrícia Zeni.

Fonte: Produção da própria autora.

O mesmo se aplica às obras atribuídas a um compilador, organizador, coordenador, editor, tradutor, etc. Nesses casos, também o ponto de acesso principal será pelo título, sendo indicados como entrada secundária os nomes que constarem da obra que tenham essas relações com o documento. Em casos assim, virá o nome seguido de sua relação com o documento abreviada entre parênteses (comp., coord., etc.).

Existe apenas uma única exceção em que um compilador é considerado um ponto de acesso principal: no caso de compilador ou organizador de bibliografias. Embora as regras 21.1A e 21.30D1 não indiquem qualquer exceção, Ribeiro (2006) indica que há uma única exceção em que um compilador é considerado um ponto de acesso principal: no caso de compilador ou organizador de bibliografias. Isso porque, na compilação ou organização de bibliografias, a responsabilidade pela coleta, seleção e organização das referências é realmente do compilador, pois não existe produção de conteúdo, mas sim de listagens de referências. É nesse sentido da definição de "responsabilidade pela criação do conteúdo da obra" que Ribeiro (2006) considera essa exceção.

Já em uma obra adaptada, seu ponto de acesso principal será o adaptador, pois, quando alguém faz uma adaptação de uma obra já existente, ele faz alterações, mudanças, personaliza a história ao recontá-la. Nesse

caso, a responsabilidade não pode mais ser atribuída ao autor da obra original, mas sim ao adaptador. O autor da obra original pode ter um ponto de acesso secundário ou apenas uma nota da descrição do documento de que este foi baseado na obra de outra pessoa. A regra 21.10A indica a necessidade de se elaborar um ponto de acesso secundário nome-título para a obra original. De acordo com o Apêndice D do AACR2R, **Entrada nome-título** consiste no nome de uma pessoa ou entidade, acrescido do título do item. É prevista na regra 21.7B1 do AACR2R.

A seguir, no Quadro 2, citamos algumas regras mais comuns referentes à escolha de ponto de acesso principal, com menção às regras do AACR2R que as regulamentam:

**Quadro 2 - Regras de ponto de acesso principal mais utilizadas**

Número da regra	Identificação	Descrição
AACR2R - 21.4A	Obras de uma única pessoa	Uma obra, uma coleção ou uma seleção de um autor pessoa, bem como reimpressão, etc. de tais obras sob o cabeçalho da pessoa.
AACR2R - 21.6	Obras de responsabilidade compartilhada (mais de um autor)	Responsabilidade principal não indicada, até três autores, entrada pelo 1º. Secundária para os outros.
AACR2R - 21.6C2	Mais de três autores	Entrada pelo título da obra, havendo mais de três autores, sem indicação principal. Secundária para o 1º autor mencionado.
AACR2R - 21.6B1	Responsabilidade principal indicada	Entrada pela responsabilidade indicada.
AACR2R - 21.7B	Coletânea de homenagens	Entrada pelo título. Secundária para o homenageado.
AACR2R - 21.5A	Obras de autoria desconhecida, incerta	Entrada pelo título.
AACR2R - 22.2C	Pseudônimo	Entrada pelo pseudônimo. Remissivas do nome verdadeiro para o(s) pseudônimo(s).
AACR2R - 21.10	Adaptações	Entrada pelo adaptador. Secundária para o autor/título da obra original.
AACR2R - 21.25A	Entrevistas	Entrada pelo entrevistado se o texto reproduzir as palavras. Caso contrário, pelo entrevistador.
AACR2R - 21.26 e 22.14	Obras mediúnicas	Entrada pelo espírito. Secundária para quem recebeu o espírito. Acrescente ao cabeçalho espírito entre parênteses.
AACR2R - 214C1	Obras de autoria errônea ou fictícia	Entrada pelo verdadeiro autor ou pelo título, se o autor for desconhecido. Secundária para a pessoa à qual é atribuída a obra.
AACR2R - 21.5C	Autoria indicada por sinais não alfabéticos ou não numéricos	Entrada pelo título.
AACR2R - 21.5C	Autor que se esconde por palavras, expressões ou pela menção de outra obra	Se o autor for desconhecido, entrada pela palavra, expressão ou menção do título de outra obra.
AACR2R - Ap. bras. 2.6 e 22.10	Autor que se esconde sob iniciais	Entrada pelas iniciais na ordem direta. Remissivas para iniciais na ordem inversa.

Fonte: Produção da própria autora.





E o que seria uma autoria por entidade coletiva? De acordo com o AACR2R, é uma organização ou assembleia de pessoas conhecida ou identificada por um nome corporativo ou coletivo responsável pela criação do conteúdo. Esse tipo de autoria geralmente é encontrado nos seguintes tipos de documentos:

- a) documentos de natureza administrativa da própria entidade;
- b) documentos legais de governo ou de caráter religioso;
- c) documentos que retratam o pensamento coletivo da entidade;
- d) documentos que relatam a atividade coletiva de uma entidade;
- e) filmes e discos;
- f) materiais cartográficos.

Para cada um desses documentos, o AACR2R estabelecerá regras para a padronização das entradas de cada instituição ou assembleia de pessoas (eventos) em seu capítulo 24, na parte II do código de catalogação.

Mas nem sempre é possível atribuir a autoria a uma obra. Como vimos no Quadro 2, existem regras que mostram casos onde o ponto de acesso principal poderá ser o título. Assim, terão entrada principal pelo título os seguintes documentos:

- a) documentos de autoria pessoal desconhecida;
- b) coletâneas de obras de diferentes pessoas ou entidades;
- c) documentos emanados de uma entidade (que não se enquadram nos tipos de autor entidade);
- d) obras aceitas, como a sagrada escritura, por um grupo religioso.

Além do ponto de acesso principal do qual acabamos de falar, e que será apenas 1 (um), também precisamos identificar os pontos de acesso secundários de um documento, que podem ser:

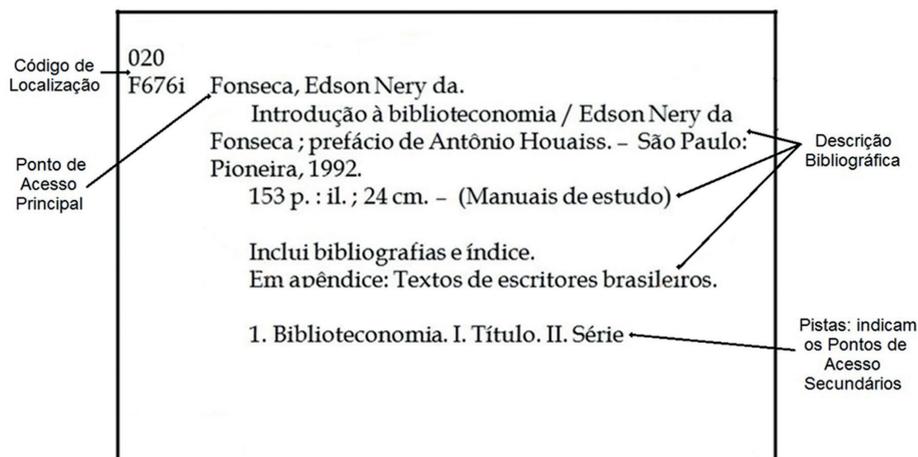
- a) título (quando este não for o ponto de acesso principal);
- b) formas variantes do título (título em outro idioma, título original, título uniforme, entre outros);
- c) autores secundários e outros responsáveis;
- d) coleção ou série;
- e) assuntos.

É importante saber que, exceto no caso dos assuntos, o AACR2R possui regras para a escolha de um formato padrão para todo e qualquer tipo de ponto de acesso secundário (capítulos 21 a 25).

A Figura 6 mostrará onde ficam localizados os pontos de acesso em uma ficha catalográfica tradicional. Já na catalogação eletrônica, no caso de *softwares* que utilizam o formato MARC Bibliográfico de intercâmbio, esses pontos de acesso estarão nos seguintes campos:

- a) 1XX – entradas principais;
- b) 6XX – entradas secundárias de assunto;
- c) 7XX – entradas secundárias de autorias;
- d) 8XX – entradas secundárias de títulos e série.

Figura 6 - Ficha com os pontos de acesso principal e secundários



Fonte: Produção da própria autora.

Na Figura 6, aparece também o código de localização, que é formado pelo número de classificação (que indica o assunto principal de uma obra), o número do autor (retirado de tabelas de números alfabéticos, como a *Cutter*, *Cutter-Sanborn* e a PHA) e outras informações sobre a localização da obra no acervo.

Quando determinamos os pontos de acesso, precisamos garantir que o usuário ache a informação independentemente da forma que ele procurar.

### Fazendo um link...

Tanto o código de localização quanto os pontos de acesso por assunto são práticas relacionadas com a representação temática, abordada em outra disciplina do curso de Biblioteconomia.

Os assuntos são padronizados por vocabulários controlados que podem ser de diferentes tipos na atualidade:

- tesauro;
- lista de cabeçalho de assunto;
- taxionomias;
- ontologias, etc..

Já os códigos de localização são estabelecidos por tabelas de classificação. Atualmente, as mais usadas são:

- Classificação Decimal de Dewey* (CDD);
- Classificação Decimal Universal* (CDU);
- Classificação da Biblioteca Nacional de Medicina dos Estados Unidos*;
- Classificação da Library of Congress*;
- Classificação de Ranganathan* (no mundo oriental).

Principalmente no caso de autoria pessoal, existem variações do nome de um mesmo autor, pseudônimos, heterônimos e formas abreviadas do nome que alguns autores adotam. Para resolver esse problema, seguimos alguns cuidados:

- a) primeiro, identificamos o nome correto de um autor;
- b) segundo, identificamos todas as possíveis variações nominais pelas quais os usuários poderão vir a procurar esse autor, além de seus pseudônimos, heterônimos e formas adotadas (como nomes artísticos);
- c) terceiro, elaboramos fichas de controle de autoridade e inserimos no catálogo de consulta remissivas que levam o usuário à forma adotada do nome de um autor pelo catálogo da biblioteca;
- d) essas remissivas, nos catálogos manuais, são fichas inseridas no catálogo em ordem alfabética; nos catálogos eletrônicos, o próprio sistema verifica essa informação automaticamente no banco de dados de controle de autoridade e recupera o autor corretamente para o usuário, que nem percebe esse processo.

Assim, as remissivas são utilizadas quando uma entrada (principal ou secundária) possui mais de uma forma conhecida, mas apenas uma delas é adotada como oficial. As normas de identificação da escolha da entrada oficial são estabelecidas pelo AACR2R em seu capítulo 21.

Atualmente essas informações podem ser conseguidas consultando os catálogos de autoridade de grandes bibliotecas nacionais, como a *Library of Congress* (LC), a *Biblioteca Nacional* (BN), entre outras.



## Multimídia

Entre nos *sites* indicados abaixo para conhecer mais como é esse processo de controle de autoridades:

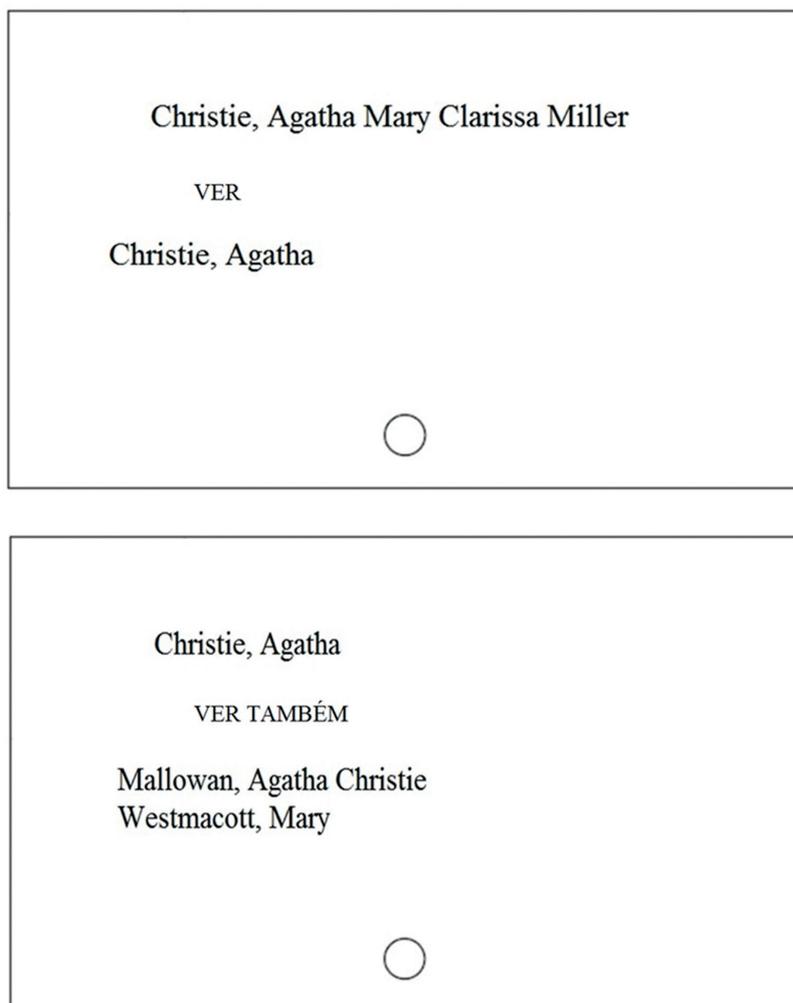
- a) *Library of Congress*: <http://authorities.loc.gov/>;
- b) *Biblioteca Nacional*: <http://www.bn.br>.

Existem dois tipos de remissivas:

- a) a remissiva VER, que remete o usuário da forma do nome do autor não adotado no catálogo para a forma adotada;
- b) a remissiva VER TAMBÉM, que remete o usuário de um nome do autor ou entrada adotada para outra também adotada no catálogo.

A seguir, na Figura 7, vocês podem visualizar dois exemplos de fichas remissivas que são colocadas nos catálogos manuais para orientar os usuários, baseadas no processo de escolha de pontos de acesso da representação descritiva:

Figura 7 - Fichas remissivas de cabeçalhos de ponto de acesso



Fonte: Produção da própria autora.

## 1.6 PONTOS DE ACESSO E CATALOGAÇÃO ELETRÔNICA

No tratamento da informação automatizado, os pontos de acesso da representação descritiva, tanto para a catalogação eletrônica quanto para as bibliografias e bases de dados eletrônicas, serão os campos que, na estrutura da base de dados, ou seja, na camada física do sistema, são identificados pelo programador como campos que deverão gerar **índices invertidos** para a recuperação da informação, que serão base para as consultas, os relatórios e as estatísticas do sistema.

### Índice invertido

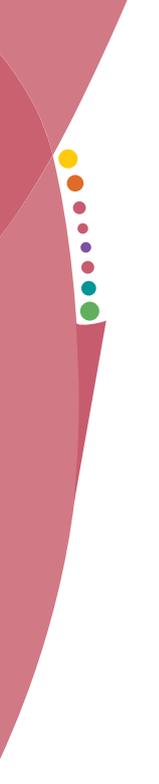
"1) Arquivo organizado com base no descritor: sob o termo de indexação, aparecem os números dos documentos aos quais o termo foi atribuído.

2) Arquivo cuja ordem foi invertida.

3) Arquivo auxiliar que é associado ao arquivo principal para permitir referência cruzada." (CUNHA, 2008, p. 28).

"Em bancos de dados, um arquivo que contém chaves e ponteiros." (PFAFFENBERGER, 1998, p. 394).





Sistemas de buscas que não se baseiam em índices invertidos podem se tornar lentos com o tempo. É o caso de sistemas que percorrem todos os campos do banco de dados e geram índices de cada palavra encontrada. É o que popularmente chamamos de “índice por varredura”. Nesse tipo de índice, é necessário que o banco de dados possua uma lista de “palavras proibidas” ou *stopwords*, para que o sistema não indexe artigos, preposições, verbos, entre outras coisas que não ajudam a recuperar um documento. Esse tipo de índice geralmente possui um índice de revocação muito alto no seu resultado de busca, o que reduz a especificidade da busca.

A padronização de entradas em um catálogo ou base de dados automatizados é ainda mais importante para uma recuperação da informação precisa. Por isso a importância da padronização dos cabeçalhos dos pontos de acesso pelos instrumentos de representação descritiva e das entradas de assuntos pelos instrumentos de representação temática.

## 1.7 CONCLUSÃO

---

Nessa unidade, aprendemos sobre os processos de representação descritiva que serão a base para que possamos construir os produtos desta.

Tanto o processo de leitura técnica quanto o de escolha de pontos de acesso podem parecer fáceis e rápidos, mas não são, pois exigem atenção às regras de catalogação e cuidado com cada detalhe das informações intrínsecas de um documento.

Uma leitura técnica malfeita e uma escolha leviana dos pontos de acesso para a recuperação de um documento ou objeto informacional podem comprometer muito a qualidade da recuperação das informações contidas tanto em um catálogo eletrônico OPAC quanto em bases de dados especializadas, como bibliografias, índices<sup>4</sup> e *abstracts*<sup>5</sup>.

Quanto mais padronizadas forem as entradas de dados em um catálogo ou base de dados eletrônicos, mais exatos serão os resultados de busca, atendendo, assim, de forma mais eficaz, às necessidades informacionais dos usuários de uma unidade de informação, seja ela física ou virtual.

4 Índices: plural de *index*, espécie de bibliografia especializada publicada periodicamente com a produção científica de uma determinada área. Traz somente a referência bibliográfica dos trabalhos compilados e, diferentemente da bibliografia, sua ordenação é por ordem alfabética dos temas dos artigos.

5 *Abstracts*: similar ao *index*, também é especializado, mas, além das referências bibliográficas, traz um resumo científico de cada obra citada.



## 1.7.1 Atividade

Atende aos objetivos a e b

### LEITURA TÉCNICA

1. Escolha dois objetos informacionais (não precisam ser somente livros) e localize em cada um deles as informações referentes a cada área de descrição do AACR2R ou ISBD.
2. Faça a relação de cada área com as regras do AACR2R.

ÁREAS	INFORMAÇÕES	REGRA QUE NORMATIZA
Área 1		
Área 2		
Área 3		
Área 4		
Área 5		
Área 6		
Área 7		
Área 8		

ÁREAS	INFORMAÇÕES	REGRA QUE NORMATIZA
Área 1		
Área 2		
Área 3		
Área 4		
Área 5		
Área 6		
Área 7		
Área 8		

## Resposta comentada

1. O aluno deverá escolher dois objetos informacionais, podendo ser dois livros, ou um livro e um CD, ou um filme e um CD. Fica ao gosto do aluno.
2. De acordo com o objeto informacional escolhido, ele deverá buscar no AACR2R, parte I, o capítulo que se refere ao objeto informacional escolhido.
3. Lá, ele localizará, nas regras sobre as fontes de informação, onde buscar os dados para preencher as áreas de descrição e também verá as regras que devem ser observadas em cada uma dessas áreas de descrição.
4. Conforme for localizando as informações intrínsecas da obra e suas regras, é só preencher um quadro para cada objeto informacional escolhido.
5. O objetivo aqui é verificar se ele entendeu o processo de leitura técnica e a importância do AACR2R na identificação e normalização de cada informação.



## 1.7.2 Atividade

### Atende aos objetivos a e b

#### ESCOLHA DOS PONTOS DE ACESSO

1. Agora, com base na leitura técnica da Atividade 1, identifique os pontos de acesso principal e secundários de cada uma das duas obras que você descreveu.
2. No caso de autoria pessoal, verifique nos catálogos de controle de autoridade indicados nesta unidade e busque a forma correta de entrar o nome do(s) autor(es) e suas possíveis variações e faça as remissivas devidas. Se a autoria for por entidade coletiva, evento ou título, avalie a normalização correta para entrar essa autoria no AACR2R, parte II.
3. Cite cada regra que orientou sua escolha de pontos de acesso principal.
4. Se houver pontos de acesso secundários (como de autoridade ou responsabilidade, título original, título equivalente, entre outros), cite as regras que padronizaram esses pontos de acesso também.

## Resposta comentada

1. O aluno deverá observar as regras e decidir se o item tem autoria ou não (quando se faz o ponto de acesso principal pelo título).
2. Deverá verificar qual a forma correta de entrada dessa autoria, com base nos catálogos coletivos citados (LC e BN) e,

caso seja necessário, fazer as fichas remissivas que ficariam no catálogo do usuário.

3. Cada regra que o aluno utilizar para normalizar um ponto de acesso principal e secundário deverá ser citada no exercício.

---

## RESUMO

---

Nesta primeira unidade, tivemos contato com o que seriam processos e produtos na representação descritiva, em termos conceituais. Em seguida, estudamos a fundo os dois principais processos da representação descritiva, que são: a leitura técnica e a definição dos pontos de acesso. Pode-se observar a importância de se localizar as informações intrínsecas mais corretas e mais significativas de um dado objeto informacional. Também aprendemos que a definição dos pontos de acesso e sua padronização em catálogos e bibliografias, tanto manuais como eletrônicos, é de extrema importância, pois a falta de padronização e de normalização pode acarretar uma recuperação da informação com excesso de revocação, prejudicando, assim, o atendimento às necessidades dos usuários. Concentramo-nos, aqui, apenas nos processos de representação descritiva. Os produtos serão abordados nas próximas unidades.



### Sugestão de Leitura

---

BARBOSA, Alice Príncipe. **Novos rumos da catalogação**. Rio de Janeiro: BNG; Rio de Janeiro: Brasilart, 1978.

CRUZ, Anamaria da Costa; CORRÊA, Rosa Maria Rodrigues; COSTA, Vera Maria Guimarães. **Catalogação descritiva**: área da descrição física e área da série. Rio de Janeiro: Interciência, 2000.

CRUZ, Anamaria da Costa; CORRÊA, Rosa Maria Rodrigues; COSTA, Vera Maria Guimarães. **Catalogação descritiva**: área das notas, área do número de normalização e das modalidades de aquisição. Niterói: Intertexto, 1999.

LÓPEZ GUILLAMÓN, Ignacio. Evolución reciente de la catalogación. **Anales de documentación**, Murcia, n. 7, p. 141-152, 2004.

MACHADO, Ana Maria Nogueira. **Informação e controle bibliográfico**: um olhar sobre a cibernética. São Paulo: Ed. Unesp, 2003.

Semestre

4

MEY, Eliane Serrão Alves. **Introdução à catalogação**. Brasília: Briquet de Lemos/Livros, 1995.

MEY, Eliane Serrão Alves. **Não brigue com a catalogação**. Brasília: Briquet de Lemos/Livros, 2003. 186 p.

MEY, Eliane Serrão Alves; SILVEIRA, Naira Christofolletti. **Catalogação no plural**. Brasília: Briquet de Lemos/Livros, 2009.

---

## REFERÊNCIAS

---

CÓDIGO de catalogação anglo-americano. 2. ed. rev. São Paulo: FEBAB; Imprensa Oficial, 2004. 1 v.

CUNHA, Murilo Bastos da; CAVALCANTI, Cordélia R. **Dicionário de Biblioteconomia e arquivologia**. Brasília: Briquet de Lemos/Livros, 2008. 451 p.

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. **Novo dicionário da língua portuguesa**. 2. ed. rev. e aum. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, c1986. 1838 p.

FURRIE, Beth. **O MARC bibliográfico**: um guia introdutório: catalogação legível por computador. Brasília: Thesaurus, 2000.

PFAFFENBERGER, Bryan. **Webster's New World**: dicionário de informática. Rio de Janeiro: Campus, 1998.

RIBEIRO, Antonia Motta de Castro Memória. **Catalogação de recursos bibliográficos pelo AACR2R 2002**: Anglo American Cataloguing Rules. 2. ed. rev. Brasília: [s.n.], 2003.

## INFORMAÇÕES SOBRE A PRÓXIMA UNIDADE

---

Na Unidade 2, estudaremos os produtos da representação descritiva, que serão gerados a partir dos processos estudados nesta primeira unidade.